

O *Zeitgeist* Populista¹

Cas Mudde²

Resumo: Desde a década de 1980, o surgimento dos chamados “partidos populistas” deu origem a milhares de livros, artigos, colunas e editoriais. Este artigo tem como objetivo fazer uma tripla contribuição para o debate atual sobre o populismo nas democracias liberais. Em primeiro lugar, é apresentada uma definição nova e clara de populismo. Em segundo lugar, a tese da patologia normal é rejeitada; em vez disso, argumenta-se que hoje o discurso populista se tornou a corrente principal na política das democracias ocidentais. Na verdade, pode-se até falar de um *Zeitgeist* populista. Terceiro, argumenta-se que as explicações e reações ao atual *Zeitgeist* populista são seriamente falhas e podem, na verdade, fortalecê-lo em vez de enfraquecê-lo.

Palavras-chave: Populismo; Democracias liberais; Povo; Ideologia.

¹ Versões anteriores deste artigo foram apresentadas na Faculdade de Ciências Políticas e Sociais da Universidade de Antuérpia, no Departamento de Política da Universidade de Reading e no workshop “Populismo e democracia” realizado na Universidade de Nottingham. Gostaria de agradecer a todos os participantes por seus comentários. Além disso, quero agradecer a Hans-Georg Betz, Dani Filc e Peter Mair por seus valiosos comentários às versões anteriores. Um agradecimento especial a Jan Jagers, cuja contribuição intelectual foi crucial nas revisões finais. Agradeço, por fim, pelo generoso apoio financeiro da British Academy e do Carnegie Trust para as Universidades da Escócia. A presente tradução foi realizada a partir do texto: Mudde, C. (2004). The Populist *Zeitgeist*. *Government and Opposition*, v. 39, n. 4, pp. 541-563. doi:10.1111/j.1477-7053.2004.00135.x. Tradução Guilherme de Paula e Javier Amadeo.

² Professor de Ciência Política da Escola de Assuntos Públicos e Internacionais (SPIA) da Universidade de Geórgia, Estados Unidos, e do Centro de Pesquisa sobre Extremismo (C-REX), Universidade de Oslo, Noruega. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-8563-6280>. E-mail: mudde@uga.edu.

THE POPULIST ZEITGEIST

Abstract: Since the 1980s the rise of so-called ‘populist parties’ has given rise to thousands of books, articles, columns and editorials. This article aims to make a threefold contribution to the current debate on populism in liberal democracies. First, a clear and new definition of populism is presented. Second, the normal-pathology thesis is rejected; instead it is argued that today populist discourse has become mainstream in the politics of western democracies. Indeed, one can even speak of a populist Zeitgeist. Third, it is argued that the explanations of and reactions to the current populist Zeitgeist are seriously flawed and might actually strengthen rather than weaken it.

Keyword: Populism; Liberal democracies; People; Ideology.

*Quanto mais os intelectuais o criticam,
mais forte o populismo parece se tornar³*

Desde a década de 1980 a ascensão dos assim chamados “partidos populistas” deu origem a milhares de livros, artigos, colunas e editoriais. A maioria destes é de natureza alarmante, uma vez que esses “novos populismos” são geralmente vistos como uma ameaça à democracia liberal. Embora os autores não tenham sempre certeza do que exatamente caracteriza esses partidos, eles concordam que partidos como o Partido da Liberdade da Áustria (FPÖ), a Frente Nacional da França (FN) ou a Lista Pim Fortuyn da Holanda (LPF) são “populistas”. Outro ponto com o qual a maioria dos analistas concorda é que “populismo é compreendido como uma forma patológica, pseudo e pós-democrática, produzida pela corrupção dos ideais democráticos”⁴. Acadêmicos alemães em particular consideram populistas de direita, em concordância com a teoria de Erwin

³ TAGUIEFF, Pierre-André. Political Science Confronts Populism: From a Conceptual Mirage to a Real Problem, *Telos*, n. 103, 1995, p. 43.

⁴ *Ibidem*, p. 9.

K. Scheuch e Hans-Dieter Klingemann, como uma “patologia normal” das democracias ocidentais.⁵

O objetivo deste artigo é fazer uma tripla contribuição ao presente debate sobre populismo nas democracias liberais. Em primeiro lugar, é apresentada uma clara e nova definição de populismo. Em segundo lugar, recusa-se a tese da patologia-normal; em vez disso, defende-se a ideia de que o discurso populista de hoje se tornou *mainstream* na política das democracias ocidentais. De fato, pode-se até mesmo falar de um *Zeitgeist* populista.⁶ Por fim, argumenta-se que as reações e as explicações a respeito do atual *Zeitgeist* populista são seriamente problemáticas e podem, na verdade, ao invés de torná-lo mais fraco, fortalecê-lo.

Definindo o indefinível

No debate público existem duas interpretações dominantes sobre o termo populismo, ambas de conotação altamente carregada e negativa. Na primeira, o populismo se refere à política do *Stammtisch* (de botequim), ou seja, um discurso altamente emocional e simplista dirigido ao “estômago” (*gut feelings*) das pessoas. Em uma terminologia mais prosaica, “os populistas pretendem esmagar o nó górdio da política moderna com a espada das soluções supostamente simples”⁷. Ainda que essa definição

⁵ SCHEUCH, Erwin K.; KLINGEMANN, Hans-Dieter. Theorie des Rechtsradikalismus in westlichen Industriegesellschaften, *Hamburger Jahrbuch für Wirtschafts - und Sozialpolitik*, n.12, 1967, pp. 11-19. Embora os autores tenham utilizado essa terminologia para o *radicalismo* de direita, autores recentes também a aplicaram ao populismo de direita. Veja, principalmente, BETZ, Hans-Georg Betz. *Radical Right-Wing Populism in Western Europe*. Basingstoke: Macmillan, 1994.

⁶ Eu limito minha discussão aqui aos partidos políticos, ainda que seja importante também assinalar a crescente proeminência dos argumentos populistas na mídia e nas ciências sociais. Sobre populismo na mídia, ver MAZZOLENI, Gianpietro et al. (eds) *The Media and Neo-Populism: A Contemporary Comparative Analysis*, Westport, VA, Praeger, 2003; sobre populismo na ciência política, ver DAALDER, Hans A *Crisis of Party? Scandinavian Political Studies*, v. 15, n. 4, 1992, pp. 269-88.

⁷ BERGSDORF, Harald. Rhetorik des Populismus am Beispiel rechtsextremer und rechtspopulistischer Parteien wie der “Republikaner”, der FPÖ und des “Front National”, *Zeitschrift für Parlamentsfragen*, v. 31, n. 3, 2000, p. 624.

pareça ter um valor instintivo, ela é altamente problemática para ser operacionalizada em estudos empíricos. Quando algo é mais “emocional” que “racional”, ou mais “simplista” que “sério”? Mais que isso: a política do *slogan* constitui o centro da campanha política, seja de esquerda, de direita ou de centro.

No segundo sentido, populismo é utilizado para descrever políticas oportunistas com a intenção de agradar (de maneira rápida) o povo/votantes – e assim “comprar” seu apoio – em oposição ao que seria a busca (racional) dos eleitores pela melhor opção. São exemplos disso, baixar impostos precisamente antes das eleições, ou a promessa de vantagens fiscais para todas as pessoas sem nenhum custo adicional. Mas quem decide quais são as propostas “sólidas” ou “honestas” e não “populistas” e “oportunistas”? Como notou de maneira perspicaz Ralf Dahrendorf, “o populismo de um é a democracia de outro, e vice-versa”⁸.

Apesar de ambas as interpretações a respeito do populismo serem amplamente difundidas, e parecerem ter algum valor intrínseco, elas não vão ao centro do que é geralmente considerado como populismo na literatura acadêmica. Na verdade, ambos os fenômenos são mais bem cobertos por outros termos: demagogia e oportunismo, respectivamente. Mesmo que no interior da comunidade acadêmica a clareza conceitual e o consenso na definição ainda estejam distantes, a maioria das definições de populismo tem ao menos dois pontos de referência em comum: “a elite” e “o povo”.⁹ Em outras palavras, populismo diz algo sobre a relação entre “a elite” e “o povo”. John B. Judis e Ruy Teixeira resumiram essa relação-chave de maneira clara e muito forte: “o povo *versus* os poderosos”¹⁰. No entanto, isso ainda deixa a questão sobre o que é o populismo: uma ideologia, uma síndrome, um movimento político ou um estilo político?¹¹

⁸ DAHRENDORF, Ralf. Acht Anmerkungen zum Populismus, *Transit. Europäische Revue*, v. 25, 2003, p. 156.

⁹ Ver *inter alia*, ERNST, Werner W. Zu einer Theorie des Populismus. In: PELINKA, Anton (ed.), *Populismus in Österreich*. Vienna: Junius, 1987, pp. 10-25; CANOVAN, Margaret, *Populism*. London: Junction, 1981.

¹⁰ JUDIS, John B.; TEXEIRA, Ruy. *The Emerging Democratic Majority*. New York: Scribner, 2002.

¹¹ Ver, sobre os três primeiros, respectivamente, as contribuições de Donald MacRae, Peter Wiles e Kenneth Minogue em IONESCU, Ghita; GELLER Gellner (eds). *Populism*.

Eu defino populismo como *uma ideologia que considera que a sociedade está fundamentalmente separada em dois grupos homogêneos e antagonistas, “o povo puro” versus “a elite corrupta”, e que defende que a política deveria ser expressão da volonté générale (vontade geral) do povo.*¹²

O populismo, definido desta forma, tem dois adversários: o elitismo e o pluralismo. O elitismo é a imagem do populismo no espelho: compartilha uma visão maniqueísta do mundo, mas deseja que a política seja expressão das visões de uma elite moral no lugar de um povo amoral.¹³ O pluralismo, por outro lado, rejeita a homogeneidade tanto do populismo quanto do elitismo, vendo a sociedade como uma coleção heterogênea de grupos e indivíduos que têm desejos e visões muitas vezes diferentes.

Embora o populismo seja uma ideologia distinguível, ele não possui “o mesmo nível de refinamento intelectual e consistência” que, por exemplo, o socialismo ou o liberalismo.¹⁴ O populismo é apenas uma ideologia delgada (*thin-centred ideology*), que exhibe “um núcleo restrito associado a um alcance limitado de conceitos políticos”¹⁵. O conceito central do populismo é obviamente “o povo”; em certo sentido, até o conceito de “elite” assume sua identidade se relacionando a isso (como sua oposição, sua nêmesis). Como uma ideologia delgada, o populismo pode ser facilmente combinado

Its Meanings and National Characteristics. London: Weidenfeld and Nicolson, 1969. Sobre o último, ver em *inter alia*, TAGUIEFF, Pierre-André, *L'illusion populiste*. Paris: Berg International, 2002; PFAHL-TRAUGHBER Armin. *Volkes Stimme? Rechtspopulismus in Europa*. Bonn: Dietz, 1994.

¹² Essa definição é resultado de um contínuo e estimulante debate com Jan Jagers; veja também sua Tese de doutorado, a ser publicado em breve, com o título provisório *De Stem van het Volk? Een Onderzoek naar Populistische Retoriek bij de Vlaamse Politieke Partijen* (University of Antwerp).

¹³ No entanto, de acordo com uma série de análises negativas do populismo, “O elitismo parece ser a lógica oculta do populismo”, segundo URBINATI, Nadia. *Democracy and Populism, Constellations*, v. 5, n. 1, 1998, p. 113.

¹⁴ NIEKERK, A. E. Van, *Populisme en Politieke Ontwikkeling in Latijns-Amerika*. Rotterdam: Universitaire Pers Rotterdam, 1972, p. 37.

¹⁵ FREDEN, Michael. Is Nationalism a Distinct Ideology?, *Political Studies*, 46, 4, 1998, p. 750.

com outras ideologias muito diferentes (delgadas ou amplas), incluindo o comunismo, o ecologismo, o nacionalismo ou o socialismo.¹⁶

Mais que pragmático, o populismo é moralista.¹⁷ É essencial para o discurso do populista a distinção *normativa* entre “a elite” e “o povo” e não a diferença empírica de comportamento ou atitudes. O populismo apresenta uma visão maniqueísta na qual só existem amigos e inimigos. Oponentes não são apenas pessoas com diferentes prioridades e valores, eles são *malvados*! Consequentemente, acordos são impossíveis, porque eles “corrompem” a pureza.¹⁸

Ao contrário de outras definições,¹⁹ o populismo aqui não é definido com base em um tipo especial de organização, isto é, uma liderança carismática, ou como um estilo especial de comunicação sem intermediários. Ainda que, de fato, a liderança carismática e a comunicação direta entre o líder e o “povo” sejam elementos comuns entre os populistas, esse recurso mais facilita do que define o populismo. Na verdade, o sucesso atual de atores populistas não pode ser separado da tendência geral por líderes partidários fortes e por uma comunicação mais direta entre as lideranças e os seus apoiadores, algo que se desenvolveu nas últimas décadas.²⁰

¹⁶ Cf. DECKER, Frank. *Parteien unter Druck. Der neue Rechtspopulismus in den westlichen Demokratien*, Opladen, Westdeutscher, 2000; TAGGART, Paul. *Populism*. Buckingham: Open University Press, 2000; TAGUIEFF, Pierre-André. Political Science Confronts Populism: From a Conceptual Mirage to a Real Problem, *Telos*, n. 103, 1995, pp. 9-43.

¹⁷ WILER, Peter. A Syndrome, Not a Doctrine: Some Elementary Theses on Populism. In: IONESCU, Ghita; GELLER, Ernst (eds). *Populism. Its Meanings and National Characteristics*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1969, p. 167.

¹⁸ Note, ironicamente, a similaridade com muito do discurso antipopulismo-de-direita, que se opõe em termos biológicos a qualquer acordo ou cooperação porque “o vírus populista” vai “contaminar” o “corpo” democrático.

¹⁹ Ver, *inter alia*, WEYLAND, Kurt. Clarifying a Contested Concept. Populism in the Study of Latin American Politics, *Comparative Politics*, 34, 1, 2001, pp. 1-22; TAGGART, *Op. cit.*; NIEKERK, A. E. Van, *Populisme en Politieke Ontwikkeling in Latijns-Amerika*. Rotterdam: Universitaire Pers Rotterdam, 1972.

²⁰ Sobre esse desenvolvimento, que se dá virtualmente em todos os partidos políticos (populistas ou não), ver BEYME, Klaus von. Party Leadership and Change in Party Systems: Towards a Postmodern Party State?, *Government and Opposition*, v. 31, n. 2, 1996, pp. 135-59.

É importante notar que, ainda que essa definição seja ampla e aberta a variadas maneiras de utilização, isso não significa que todos os atores políticos sejam (o tempo todo) populistas. Apesar do movimento em direção a um perfil *catch-all* (que inclua tudo), os programas ideológicos dos partidos mais *mainstream* ainda aceitam a visão de mundo pluralista da democracia liberal. Na verdade, muitos dos considerados exemplos “populistas” contemporâneos fundamentais nem sempre usam um discurso populista. Por exemplo, o Bloco Flamengo (*Vlaams Blok, VB*), que agora reivindica dizer o que as pessoas pensam, inicialmente se referiu ao povo como “o proletariado intelectual”;²¹ enquanto o já falecido Pim Fortuyn reconheceu abertamente que seu estilo de vida e algumas de suas visões de mundo eram progressistas demais para seus apoiadores, ou seja, “o povo”.

Muito já foi escrito sobre o caráter vago do termo “o povo” no uso dos populistas. Alguns comentadores argumentaram que o termo não é nada mais do que uma ferramenta retórica que não se refere verdadeiramente a nenhum grupo de pessoas de fato existente. Outros deram-lhe uma interpretação de classe, argumentando que o termo “populista” se refere não ao povo como um todo, mas apenas a um segmento de classe em específico.²² Paul Taggart corretamente rejeita a interpretação de classe, e tenta clarificar o uso do termo “o povo” (*the people*) ao introduzir um termo alternativo, “*the heartland*”. De acordo com o autor, o *heartland* é um lugar “no qual, na imaginação populista, reside uma população virtuosa e unificada”.²³

O conceito de “*heartland*” ajuda a enfatizar que o povo (*the people*) na propaganda populista não é nem real nem totalmente inclusivo, mas, de fato, um subconjunto mítico e construído de toda a população. Em outras palavras, o povo dos populistas é uma “comunidade imaginada”,

²¹ Ver MUDDE, Cas. *The Ideology of the Extreme Right*. Manchester: Manchester University Press, 2000, p. 112.

²² Por exemplo, DI TELLA, Torcuato S. *Populism into the Twenty-First Century, Government and Opposition*, 32, 2, 1997, pp. 187-200; WORSLEY, Peter. *Populism in* KRIEGER, Joel (ed.). *The Oxford Companion to Politics of the World*. Oxford: Oxford University Press, 1993, pp. 730-1; LACLAU, Ernesto. *Politics and Ideology in Marxist Theory*. London: New Left Books, 1977.

²³ TAGGART, Paul. *Populism*. Buckingham: Open University Press, 2000, p. 95.

muito parecida com o que é a nação para os nacionalistas.²⁴ Ao mesmo tempo, a noção de *heartland* não supera o principal problema de “o povo”, que é seu caráter vago. Por não ser clara, conseqüentemente, tem sido usada de forma distinta de um populista para outro, mesmo dentro de um mesmo país. Por exemplo, para os conservadores britânicos, o *heartland* britânico costumava ser a “*Middle England*”, enquanto o partido de extrema-direita British National Party refere-se, como seu *heartland*, o “povo britânico nativo”.

O que geralmente fica mais claro é a que e a quem os populistas se opõem. Em sistemas democráticos liberais, em que os partidos políticos são os principais atores no processo de representação, não chega a ser uma surpresa que na propaganda dos populistas os sentimentos antipartidários exerçam um papel proeminente.²⁵ Em um estilo quase sempre implicitamente rousseauiano, os populistas argumentam que os partidos políticos corrompem o vínculo entre o líder e os seus apoiadores, criam divisões artificiais dentro de um povo homogêneo e colocam os seus próprios interesses acima dos interesses do povo. No entanto, como os populistas são mais reformistas do que revolucionários,²⁶ eles não se opõem a partidos políticos *per se*. Em vez disso, eles se opõem aos partidos estabelecidos, chamam por (ou alegam ser) um novo tipo de partido; ou seja, expressam sentimentos antipartidários populistas em vez de sentimentos antipartidários extremistas.²⁷

Para esclarecer ainda mais o conceito, vamos brevemente examinar vários mal-entendidos sobre o populismo. Ainda que os populistas possam

²⁴ Sobre o último, ver ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities. Reflections on the Origins and Spread of Nationalism*. London: Verso, 1983.

²⁵ SCARROW, Susan; POGUNTKE, Thomas (eds), *European Journal of Political Research*, v. 29, n. 3, 1996, número especial sobre o sentimento anti-partidário.

²⁶ TAGGART, Paul. *Populism*. Buckingham: Open University Press, 2000. O fato de que populistas como o líder da Liga do Norte, Umberto Bossi, reivindicar lutar por uma “revolução” não elimina o fato de que eles buscam, no melhor dos casos, por mudanças radicais no interior do já existente sistema democrático.

²⁷ Para uma discussão sobre os sentimentos antipartidários no interior de partidos populistas nacionais e a distinção entre sentimentos antipartidários populistas e extremistas, ver MUDDE, Cas. The Paradox of the Anti-Party Party: Insights from the Extreme Right, *Party Politics*, v. 2, n. 2, 1996, pp. 265-76.

ser emancipatórios, eles *não* querem transformar “o povo”, mas sim seu *status* no interior do sistema político. Os populistas (reivindicam que) falam em nome do “povo oprimido”, e querem emancipá-lo ao torná-lo ciente de sua opressão. No entanto, eles não querem mudar seus valores ou seu “modo de vida”. Isso é fundamentalmente diferente, por exemplo, dos (primeiros) socialistas, que querem (ou queriam) “elevar os trabalhadores” reeducando-os e assim libertá-los de suas “falsas consciências”. Para os populistas, em outro sentido, a consciência do povo, geralmente referida como “*sensus communis*”, é a base de todo o bem (na política).

O populismo não se opõe, necessariamente, às medidas tecnocráticas, especialmente se elas puderem ajudar a se livrar dos políticos (tradicionais). De fato, um dos mais bem-sucedidos movimentos populistas, o Social Credit, no Canadá, defendeu um regime amplamente tecnocrata. Em sua visão, “o povo deveria ser consultado sobre os parâmetros gerais da política, enquanto expertos deveriam produzir instrumentos para implementar essa política”.²⁸ O que é central para essa visão é que os expertos não *alterem* os desejos do povo; eles devem apenas assegurar que os desejos do povo sejam implementados da melhor maneira possível. Essa confiança nos “expertos”, e a simultânea descrença nos políticos, pode também ser encontrada nas ideias de populistas contemporâneos como Silvio Berlusconi e Pim Fortuyn.

Finalmente, algumas visões comuns na literatura precisam mais de nuances do que de rejeição. Primeiramente, vários autores argumentaram que populismo é “relutantemente político”²⁹. Eu acredito que essa afirmação necessita de mais qualificação para ser totalmente acurada. Se alguém observar determinados *atores* políticos, como Filip Dewinter (VB) ou Jörg Haider (FPÖ), não poderá argumentar de maneira séria que eles são relutantemente políticos. Nem eles necessariamente reivindicam isso para si mesmos. Em vez disso, o *heartland* dos líderes populistas é relutantemente político (ver abaixo).

Em segundo lugar, grande parte da literatura defende que populismo é um fenômeno de crise (social). Com relação ao recente “movimento populista”, a alegada crise é resultado da transformação para uma

²⁸ TAGGART, Paul. *Populism*. Buckingham: Open University Press, 2000, p. 68.

²⁹ *Ibidem*, p. 3.

sociedade pós-industrial, bem como da inadequada maneira como a social-democracia tem tentado lidar com ela.³⁰ Talvez “crise” seja um termo muito pesado, mas o *heartland* populista se torna ativo apenas quando existem circunstâncias especiais: mais notavelmente, a combinação de um persistente ressentimento político, (a percepção de) um sério desafio ao nosso “modo de vida”, e a presença de um líder populista sedutor. De todo modo, o que diferencia o *heartland* populista de outros grupos propensos ao protesto é sua *reatividade*; ele geralmente tem de ser mobilizado por um ator populista, em vez de tomar a iniciativa por si próprio.

Na análise a seguir, irei focar principalmente o *Zeitgeist* populista que tem sido característico das democracias liberais desde o início dos anos 1990. Exemplos serão extraídos majoritariamente de partidos políticos da Europa Ocidental e em algumas ocasiões também da Austrália, Nova Zelândia e América do Norte.³¹

Populismo contemporâneo

Obviamente, é difícil considerar o populismo um fenômeno novo para a política nas democracias liberais. Na verdade, o Partido do Povo norte-americano (US People’s Party) do final do século XIX é considerado um dos movimentos populistas basilares. Mesmo na Europa do pós-guerra ocorreram vários fenômenos populistas: os mais importantes, a Frente do Homem Comum na Itália (*Fronte dell’Uomo Qualunque*), de Guglielmo Giannini (no final dos anos 1940), a União para a Defesa dos Mercadores e Artesãos na França (Union de Défense des Commerçants et des Artisans),

³⁰ CUPERUS, René. The Populist Deficiency of European Social Democracy. In: *Internationale Politik und Gesellschaft*, v. 3, 2003, pp. 83-109; EHRKE, Michael. *Rechtspopulismus in Europa: die Meuterei der Besitzstandswahrer*. Bonn: FES Library, 2002.

³¹ O Leste Europeu, em outro sentido, vai aparecer muito pouco neste artigo. Enquanto formas similares de populismos também são prevalentes na parte oriental da Europa, discutir suas raízes específicas e soluções iria mais obscurecer a questão do que iluminá-la. Para uma discussão do populismo no Leste Europeu, ver MUDDE, Cas. In *Name of the Peasantry, the Proletariat, and the People: Populisms in Eastern Europe*, *East European Politics and Societies*, v. 15, n. 1, 2001, pp. 33-53.

de Pierre Poujade (no final dos anos 1950), o do Partido dos Agricultores de Boer na Holanda (Boerenpartij), de Hendrich Koekoek (no final dos anos 1960), ou o Partido do Progresso na Dinamarca (Fremskrittspartiet), de Morgens Glistrup (no final dos anos 1970).

Enquanto todos esses partidos estavam geralmente categorizados à direita no espectro político – ainda que não tenham nada de idêntico em termos ideológicos –, no período entre o final dos anos de 1960 e o início da década de 1980 a crítica populista veio principalmente da (nova) esquerda. Os atores principais foram os estudantes militantes em 1968, a Nova Esquerda e os Novos Movimentos Sociais dos anos 1970 ou os partidos Verde e a Nova Política, no início dos anos 1980. À moda populista clássica, os primeiros Verdes desprezavam política e a “elite política”. De todas as maneiras – ideológica, organizacional e participativa – eles se apresentaram como o exato oposto dos partidos estabelecidos. Ao mesmo tempo, os partidos Verdes representavam o povo como um todo, constantemente defendendo o senso comum e os valores decentes “do povo”.³²

Hoje, o populismo está novamente associado principalmente com a direita (radical). Os exemplos mais notáveis de populistas contemporâneos em artigos acadêmicos ou na mídia são partidos de direita como o FPÖ de Jörg Haider, o FN de Jean-Marie Le Pen ou o One Nation de Pauline Hanson³³. Cada vez mais, partidos de direita não radicais são também incluídos na categoria “populismo de direita”, mais notavelmente o Forza Italia de Silvio Berlusconi e o LPF de Pim Fortuyn³⁴. Isso não é inteiramente ilógico por causa do foco da direita na ideia de nação e do nacionalismo

³² Ver TAGGART, Paul. *The New Populism and the New Politics. New Protest Parties in Sweden in a Comparative Perspective*. Basingstoke: Macmillan, pp. 24-5; HASSENTEUFEL, Patrick. Structures de représentation et “appel au peuple”. *Le populisme em Autriche, Politix*, v. 14, n. 2, 1991, pp. 95-101.

³³ Ver BETZ, Hans-Georg; IMMERFALL, Stefan (eds). *The New Politics of the Right. Neo-Populist Parties and Movements in Established Democracies*. New York: St Martin's Press, 1998; PFAHL-TRAUGHBER Armin. *Volkes Stimme? Rechtspopulismus in Europa*. Bonn: Dietz, 1994.

³⁴ HEINISCH, Reinhard. Success in Opposition – Failure in Government: Explaining the Performance of Right-Wing Populist Parties in Public Office, *West European Politics*, v. 26, n. 3, 2003, pp. 91-130; JUNGWIRTH, Michael (ed.). *Haider, Le Pen & Co. Europas*

radical de direita. O passo de “a nação” para “o povo” é facilmente dado e a distinção entre os dois está quase sempre muito longe de ser clara.³⁵

No entanto, o populismo pode também ser encontrado na esquerda (radical).³⁶ Um dos mais famosos (ou infames) populistas de esquerda no pós-guerra da Europa é o ex-empresário francês Bernard Tapie, que teve uma carreira política marcada por escândalos tanto no partido *mainstream*, o Partido Socialista, quanto no mais *outsider*, o Partido Radical. O populismo de esquerda é geralmente mais forte entre partidos *outsiders*, como o Partido do Socialismo Democrático da Alemanha (Oriental), o Partido Socialista Escocês ou o Partido Socialista Holandês.³⁷ Esses partidos populistas de esquerda combinam uma ideologia socialista democrática com um forte discurso populista. Eles se apresentam não mais como a vanguarda do proletariado, mas como a *vox populi* (voz do povo).

Nos Estados Unidos, o populismo tem raízes profundas na política *mainstream*, remontando ao século XIX.³⁸ Embora o populismo tenha sido

Rechtspopulisten, Graz, Styria, 2002; DECKER, Frank. *Parteien unter Druck. Der neue Rechtspopulismus in den westlichen Demokratien*. Opladen: Westdeutscher, 2000.

³⁵ Sobre a ligação entre nacionalismo e populismo, e o conceito de “nacional populismo”, ver TAGUIEFF, Pierre-André. Political Science Confronts Populism: From a Conceptual Mirage to a Real Problem, *Telos*, n. 103, 1995, pp. 9-43; STEWART, Angus. The Social Roots’ in IONESCU, Ghita; GELLER, Ernst (eds.). *Populism. Its Meanings and National Characteristics*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1969, pp. 183-5.

³⁶ De fato, Simon Clarke argumentou que o marxismo-leninismo é essencialmente populista, enquanto Ernesto Laclau chamou o socialismo de “a mais alta forma de populismo”. Ver CLARKE, Simon. Was Lenin a Marxist? The Populist Roots of Marxism-Leninism in BENEFELD, Werner; TISCHLER, Sergio (eds). *What is to Be Done? Leninism, Anti-Leninist Marxism and the Question of Revolution Today*. Aldershot: Ashgate, 2002, pp. 44–75; LACLAU, Ernesto. *Politics and Ideology in Marxist Theory: Capitalism–Fascism–Populism*. London: New Left Books, 1977, p. 196.

³⁷ Ver MUDDE, Cas. Extremist Movements. In: HEYWOOD, Paul et al. (eds), *Developments in West European Politics 2*. Basingstoke: Palgrave, 2002, pp. 135-48; também ABEDI, Amir. *Anti-Political Establishment Parties*. London: Routledge, 2004.

³⁸ Ver, *inter alia*, WARE, Alan. The United States: Populism as Political Strategy in MÉNY Yves; SUREL, Yves (eds.). *Democracies and the Populist Challenge*. Basingstoke: Palgrave, 2002, pp. 101-19; GERRING, John. *Party Ideologies in America, 1828–1996*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998; KAZIN, Michael. *The Populist Persuasion: An American History*. New York: Basic Books, 1995.

tradicionalmente associado de maneira mais assertiva com o Partido Democrata, sabe-se que os republicanos também o utilizam. Nas últimas décadas, vários observadores atentaram para a importância do populismo tanto na vitória quanto na derrota, de candidatos presidenciais norte-americanos, abrangendo de Reagan a Clinton, de Bush Jr. a Gore.³⁹ Ademais, vários candidatos de terceiros partidos fizeram campanhas populistas bem-sucedidas, mais recentemente Ross Perot, Ralph Nader e Pat Buchanan.

Embora o populismo tenha sido menos proeminente na política *mainstream* da Europa Ocidental, na última década ou daí em diante assistiu-se a uma significativa mudança nisso. Vários partidos *mainstream* de oposição desafiaram o governo usando argumentos familiares ao populismo. Por exemplo, durante a campanha parlamentar eleitoral de 2001 no Reino Unido, o líder conservador William Hague se referiu à liderança do Novo Trabalhismo como “a elite liberal condescendente”. Ele também usou frequentemente o termo “metropolitano”, afirmando que a elite do Novo Trabalhismo em Londres estava completamente fora de contato com os sentimentos e as preocupações do povo do interior da Inglaterra (ou seja, a *Middle England*).⁴⁰ Isso é semelhante à clássica distinção populista entre a elite urbana, corrupta, metropolitana e o povo puro, nativo, rural⁴¹.

Que o populismo não está reservado nem para a direita nem para a oposição pode ser percebido, entre outros lugares, na Grã-Bretanha. Como defendeu, com muito vigor, Peter Mair, o Novo Trabalhismo de Tony Blair tem sido um defensor do populismo *mainstream*, tanto antes quanto depois de chegar ao poder.⁴² De fato, um exemplo interessante do abrangente e variado uso do populismo pode ser encontrado na luta

³⁹ Por exemplo, BIMES, Terri. Ronald Reagan and the New Conservative Populism, paper apresentado no encontro anual da APSA, Boston, 29 agosto–1 setembro, 2002; JUDIS, John B.; TEXEIRA, Ruy. *The Emerging Democratic Majority*. New York: Scribner, 2002; WELLS, Scott D. *et al.* Al Gore and Election 2000: Populist Discourse and Strategies, paper apresentado no encontro anual da APSA, Boston, 29 agosto–1 setembro, 2002

⁴⁰ Ver http://news.bbc.co.uk/2/hi/special_report/1999/02/99/e-cyclopedia/1070504.stm.

⁴¹ Ver, por exemplo, LACKÓ, Miklós. Populism in Hungary: Yesterday and Today in HELD, Joseph (ed.). *Populism in Eastern Europe. Racism, Nationalism, and Society*. Boulder, CO: East European Monographs, pp. 107-28.

⁴² Ver MAIR, Peter. Populist Democracy vs. Party Democracy in MÉNY Yves; SUREL, Yves (eds). *Democracies and the Populist Challenge*. Basingstoke: Palgrave, 2000, pp. 81-98;

entre o governo trabalhista e a Countryside Alliance. Ambos usaram uma forte retórica populista: enquanto a Alliance defendia, de maneira similar à Hague, antigo líder conservador, que o governo trabalhista era uma elite alienada que ameaça o modo de vida do (real) povo inglês, o governo trabalhista apresentava-se como um defensor do (verdadeiro) povo inglês contra os privilégios da elite (pertencente à classe mais alta).

Outro expoente primordial do populismo do governo de esquerda é Steve Stevaert, ex-vice-premier de Flandres e atual líder do Partido Socialista Flamengo. Após ter sido criticado por sua “*gratis politics*” pelo líder nacionalista flamengo Geert Bourgeois, que citou um acadêmico norte-americano como apoio, Stevaert respondeu: “Entendo que Geert Bourgeois goste de apoiar suas posições em argumentos por autoridade, mas eu prefiro me basear na sabedoria do povo”⁴³. Seu colega de partido, Frank Vandenbroucke, então ministro de Assuntos sociais e Pensões, chegou a falar abertamente em um “populismo de esquerda com fundações”⁴⁴.

Como conclusão temos, portanto, que ao menos desde o começo dos anos 1990 o populismo se tornou um aspecto regular da política nas democracias ocidentais. Embora o populismo ainda seja majoritariamente utilizado por *outsiders* ou partidos que desafiam o poder, políticos *mainstream*, tanto no governo quanto na oposição, também o utilizaram – geralmente em uma tentativa de conter os desafiadores populistas. De fato, (vice) primeiros-ministros de esquerda, como Tony Blair ou Steve Stevaert, deram voz a alguns dos mais puros exemplos de populismo contemporâneo. Isso levanta a questão de o por que as democracias ocidentais estão diante desse *Zeitgeist* populista atualmente.

MAIR, Peter. ‘Partyless Democracy and the “Paradox” of New Labour’, *New Left Review*, n. 2, 2000, pp. 21-35.

⁴³ *De Standaard*, 2 December 2002.

⁴⁴ *De Morgen*, 21 May 2002. De maneira análoga, René Cuperus, pesquisador sênior no comitê científico do Partido Trabalhista da Holanda, defende que a “social-democracia deveria ousar ser mais populista, em uma via esquerdista”. Ver CUPERUS, René. The Populist Deficiency of European Social Democracy, *Internationale Politik und Gesellschaft*, v. 3, 2003, p. 108.

As causas do atual *Zeitgeist* populista

Para encontrar a resposta à pergunta de por que tantas pessoas apoiam ideias e políticos populistas hoje, a primeira avenida a pegar é tão óbvia que muitas vezes acaba por ser ignorada: “não devemos descartar aprioristicamente as acusações que os atores *antiestablishment* político formulam”⁴⁵. Talvez os argumentos dos populistas sejam verdadeiros, o que pode explicar por que eles têm tanto sucesso.

Antes de qualquer coisa, as elites de hoje são mais corruptas do que antes dos anos 1990? Obviamente, essa é uma pergunta difícil de responder dado que a corrupção não é apenas um conceito em disputa, é também, por definição, um assunto obscuro sobre o qual é difícil de obter dados comparativos confiáveis. De acordo com a maioria dos especialistas, “a existência de corrupção relacionada a partidos não é exatamente uma novidade [...] O que pode ser novo, de toda forma, é a probabilidade de que um escândalo seja produzido quando as evidências de corrupção forem expostas”⁴⁶.

Em segundo lugar, é verdade que “o povo” e “a elite” estão hoje ainda mais distantes do que costumavam estar no passado? De acordo com Klaus Von Beyme, “existem muitas tendências nas democracias modernas que fortalecem a separação de uma classe política de sua base, como o financiamento público de partidos, a monopolização das atividades políticas e a cooperação entre governo e oposição”⁴⁷. É particularmente esse último aspecto, ou seja, o processo de cartelização no interior dos sistemas partidários europeus, que recebeu muita atenção, tanto de acadêmicos quanto de populistas.⁴⁸

⁴⁵ SCHEDLER, Andreas. Anti-Political-Establishment Parties, *Party Politics*, v. 2, n. 3, 1996, p. 297.

⁴⁶ HEYWOOD, Paul et al. Political Corruption, Democracy, and Governance in Western Europe. In: HEYWOOD et al. *Developments in West European Politics 2*. Basingstoke: Palgrave, 2002, pp. 196-7. Ver também RIDLEY, F. F.; DOIG, Alan (eds). *Sleaze: Politicians, Private Interests & Public Reaction*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

⁴⁷ BEYME, Ver Klaus von. The Concept of Political Class: A New Dimension of Research on Elites?, *West European Politics*, v.19, n.1, 1996, p. 84.

⁴⁸ Para a tese original, ver KATZ, Richard S.; MAIR, Peter. Changing Models of Party Organization and Party Democracy: The Emergence of the Cartel Party, *Party Politics*, v. 1, n.

É também verdade que “políticos de todos os partidos se tornaram mais semelhantes sociologicamente (de classe média) e politicamente (moderados)”.⁴⁹ Ao mesmo tempo, isso também pode ser dito do eleitorado, ainda que em uma escala menor. Desse modo, ainda que se aceite a ideia de que existe uma predisposição social das elites legislativas, parece improvável que a “distância social” entre o grosso das elites e o grosso dos cidadãos tenha aumentado significativamente nas últimas décadas⁵⁰. Conclui-se, portanto, que, embora exista certamente alguma verdade no que defendem os populistas, as *percepções* parecem ser mais importantes do que os *fatos*.

Essa mudança na percepção está, sem dúvida, intimamente relacionada à mudança do papel da mídia nas democracias ocidentais. Mesmo que nos limitemos apenas ao período pós-guerra, podemos perceber mudanças significativas na importância, na função e no alcance da mídia. Resumindo, mais importante que o atual aumento real dos esquemas e da corrupção na política, é a diferente maneira como a política é divulgada na mídia (ou seja, o foco nos elementos negativos e sensacionalistas das notícias). Existem duas razões principais para a mudança na forma como (grande parte d’) a mídia publica sobre política hoje: a independência e a comercialização.⁵¹

Tradicionalmente, a maior parte da mídia ocidental era rigidamente controlada por partidos políticos; frequentemente os jornais faziam parte das subculturas individuais. Isso mudou de alguma maneira com a introdução do rádio e, mais notavelmente, da televisão – ainda que em muitos países os partidos estabelecidos tivessem originalmente

1, 1995, pp. 5-28. Para um panorama do debate, ver HELMS, Ludger. Die “Kartellparteien”-These und ihre Kritiker, *Politische Vierteljahresschrift*, v. 42, n. 4, 2001, pp. 698-708.

⁴⁹ KATZ, Richard S. Party Organizations and Finance. In: LEDUC, Lawrence et al. (eds.). *Comparing Democracies. Elections and Voting in Global Perspective*. Thousand Oaks: Sage, 1996, p. 132.

⁵⁰ NORRIS, Pippa. Legislative Recruitment. In: LEDUC, Lawrence et al. (eds.). *Comparing Democracies. Elections and Voting in Global Perspective*. Thousand Oaks: Sage, 1996, pp. 184-215.

⁵¹ Ver CAPPELLA, Joseph N.; JAMIESON, Kathleen Hall. *Spiral of Cynicism. The Press and the Public Good*. New York: Oxford University Press, 1997; SEMETKO, Holli A. The Media in LEDUC, Lawrence et al. (eds.). *Comparing Democracies. Elections and Voting in Global Perspective*. Thousand Oaks: Sage, 1996, pp. 254-79.

assegurado com pulso firme o controle das transmissões públicas. Desde o final da década de 1960, a maior parte da mídia ganhou uma crescente, se não total, independência dos partidos políticos. Ao mesmo tempo, a mídia pública (mais notavelmente a televisão) foi desafiada pela mídia privada, fato que gerou uma luta por leitores e espectadores e, conseqüentemente, um foco nos aspectos mais escandalosos e extremos da política (não apenas a “mídia de tabloide”). Esse desenvolvimento não só fortaleceu os sentimentos anti-elite no interior da população como também garantiu o cenário perfeito para atores populistas, que encontraram não apenas uma audiência receptiva, mas também um meio altamente receptivo.⁵² Como um comentarista notou com referência ao caso austríaco: “Haider precisava da mídia e a mídia precisava dele”⁵³.

Mais positivamente, e talvez de forma paradoxal, outra razão pela qual as pessoas se tornaram mais receptivas ao populismo é o fato de terem se tornado mais bem educadas e mais emancipadas.⁵⁴ Como consequência do igualitarismo da década de 1960, os cidadãos de hoje esperam mais dos políticos e se sentem mais competentes para julgar suas ações.⁵⁵ Essa

⁵² Sobre o relacionamento entre a mídia e o populismo, ver, mais notavelmente, MAZZOLENI, Gianpietro et al. (eds.). *The Media and Neo-Populism: A Contemporary Comparative Analysis*. Westport, VA: Praeger, 2003. Sobre o papel particular da nova mídia, ver AXFORD, Barrie; HUGGINS, Richard. Anti-Politics or the Triumph of Postmodern Populism in Promotional Cultures, *Telematics and Informatics*, v. 15, n. 3, 1998, pp. 181-202.

⁵³ RITTERBAND, Charles E. Kärtner Chamäleon. Jörg Haiders Auf-und Abstieg in Österreich, *Internationale Politik*, v. 4, 2003, p. 28. A completa simbiose entre o populismo e a mídia foi atingida na Itália. Ver STAHAM, Paul. Berlusconi, the Media and the New Right in Italy, *Press/Politics*, v. 1, n. 1, 1996, pp. 87-105.

⁵⁴ Nas palavras de Klaus von Beyme: “A universalização da educação diminuiu a distância entre a elite política e a experiência educacional média do eleitor”. BEYME, Klaus von. Party Leadership and Change in Party Systems: Towards a Postmodern Party State?, *Government and Opposition*, v. 31, n. 2, 1996, p. 146.

⁵⁵ Ver PHARR, Susan J.; PUTMAN Robert D. (eds.). *Disaffected Democracies. What's Troubling the Trilateral Democracies*. Princeton: Princeton University Press, 2000; NORRIS, Pippa Norris (ed.). *Critical Citizens. Global Support for Democratic Governance*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

“mobilização cognitiva”⁵⁶ levou os cidadãos a pararem de aceitar que as elites pensem por eles e de engolir às cegas o que as elites lhes dizem.

Isso também explica por que os populistas contemporâneos lucram tanto com seu papel de quebradores de tabus e de guerreiros contra o politicamente correto.⁵⁷ O politicamente correto e os tabus não são exatamente fenômenos novos nas democracias liberais, embora seja possível concordar que eles ganharam força nos últimos anos (mais notavelmente com referência ao “racismo”). No entanto, em função da emancipação dos cidadãos, eles se tornaram assuntos em disputa.

Durante décadas, os autores observaram um desenvolvimento em direção a posições apolíticas e não ideológicas nas democracias ocidentais.⁵⁸ Esse desenvolvimento foi mais pronunciado nas antigas democracias consociativas (por exemplo Áustria, Bélgica, Suíça), que deram origem a alguns dos mais fortes desafios populistas. Como esses países se tornaram amplamente depilarizados⁵⁹ desde o final dos anos 1960, eles se transformaram em “democracias despolitizadas”⁶⁰, nas quais a administração substituiu a política (no jargão moderno: governança em vez de governo). De maneira não surpreendente, é aqui que o chamado

⁵⁶ DALTON, Russell J. *Citizen Politics: Public Opinion and Political Parties in Advanced Industrial Democracies*. Chatham: Chatham House, 1996.

⁵⁷ FUNKE, Hajo; RENSMANN, Lars. Wir sind so frei. Zum rechtspopulistischen Kurswechsel der FDP, *Blätter für deutsche und internationale Politik*, 7, 2002, pp. 822-8; KERSBERGEN, Kees van. Is Nederland een democratie?, *De Helling*, v. 15, n. 3, 2002, pp. 23-5.

⁵⁸ Por exemplo, THOMAS, John Clayton. Ideological Trends in Western Political Parties. In: MERKL, Peter H. (ed.). *Western European Party Systems*, New York, Free Press, 1980, pp. 348-66; REJAI, Mostefa (ed.). *Decline of Ideology?* Chicago: Aldine/Atherton, 1971.

⁵⁹ *Pillarized* seria a tradução do holandês “*verzuild*”, que se refere à separação de uma sociedade em “pilares”, isto é, grupos separados por religião e/ou crenças políticas associadas. A metáfora “depilarizados” (*depillarized*) foi usada para representar as estruturas sociais “não pilarizadas” (no holandês, *ontzuild*) de países como Holanda e Bélgica, que já não seriam mais segregários. [Nota dos editores].

⁶⁰ LIJPHART, Arend. *The Politics of Accommodation: Pluralism and Democracy in the Netherlands*. Berkeley: University of California Press, 1968.

populista pela “repolitização do espaço público”⁶¹ e seu papel como quebrador de tabus encontram a sua mais receptiva audiência.

Por fim, há uma variedade de amplos desenvolvimentos que transformaram as sociedades e a política nas democracias ocidentais e que, muitas vezes para além disso, também tiveram um efeito sobre o destino do populismo. Como são bem documentados, irei apenas apontar suas relações com o populismo. Primeiro, o desenvolvimento em direção a uma sociedade pós-industrial mudou a lealdade tradicional de muitos votantes, aumentando a importância das divisões e, assim, criando espaço para partidos novos e menos ideológicos.⁶² Em segundo lugar, o final da Guerra Fria mudou as relações tanto no *interior das* quanto *em direção às* democracias liberais. Mais importante ainda, a democracia perdeu seu arqui-inimigo com o qual era sempre comparada favoravelmente, e as “democracias realmente existentes” são comparadas agora cada vez mais de maneira desfavorável com modelos teóricos. Em terceiro, a globalização, seja a real ou a percepção que se tem dela, passou a ser apresentada como uma séria limitação ao poder das elites nacionais.⁶³ Além disso, se de um lado os políticos *mainstream* tendem a explicar o desenvolvimento econômico negativo como consequência inevitável da globalização, eles também reivindicam as condições econômicas positivas como resultados de suas próprias políticas econômicas. Dessa forma, eles enfraquecem seu principal argumento contra o desafio populista, ou seja, que uma completa “primazia da política” é irrealista.

Vários desses fatores combinados, mais notavelmente a mudança no papel da mídia e a emancipação dos cidadãos, também levaram a uma desmistificação do “cargo político”. Mais e mais, cidadãos pensam que

⁶¹ PROBST, Lothar. Die Erzeugung “vorwärtsgerichteter Unruhe”. Überlegungen zum Charisma von Jörg Haider, *Vorgänge*, v.41, n. 4, 2002, p. 39.

⁶² Ver KITSCHOLT, Herbert (in collaboration with Anthony McGann). *The Radical Right in Western Europe. A Comparative Analysis*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1995; DALTON, Russell J. et al. (eds), *Electoral Change in Advanced Industrial Democracies*. Princeton: Princeton University Press, 1994.

⁶³ Por exemplo, BLYTH, Mark. Globalization and the Limits of Democratic Choice. *Social Democracy and the Rise of Political Cartelization, Internationale Politik und Gesellschaft*, 3, 2003, pp. 60-82; SCHMITTER, Philippe C. The Future of Democracy: Could It Be a Matter of Scale?, *Social Research*, v. 66, n. 3, 1999, pp. 933-58.

têm um bom entendimento do que políticos fazem, e pensam que podem fazer melhor. Embora isso não signifique necessariamente que muitas pessoas também queiram *fazer* melhor, com a participação ativa em vários aspectos da vida política (ver abaixo), isso significa que a relação entre as elites e os cidadãos mudou significativamente, e possivelmente de maneira irrevogável, ao longo das últimas décadas.

Max Weber, em seu famoso estudo, distinguiu três tipos de autoridade: tradicional, legal e carismática⁶⁴. As democracias liberais superaram o tipo tradicional – com a notável exceção das monarquias constitucionais –, e a autoridade real, ou seja, a autoridade legal, deve ser baseada na competência. De fato, era com base em sua presumida competência que os políticos (mais notavelmente os ministros) eram tidos costumeiramente em alta estima nas democracias ocidentais.

A emancipação dos cidadãos, bem como outros fatores mencionados acima, enfraqueceu a competência da elite, ou ao menos a percepção dos cidadãos sobre ela e, portanto, também sua autoridade (legal).⁶⁵ Consequentemente, emerge mais espaço para o terceiro tipo de autoridade: o carisma. Embora a liderança carismática não seja a mesma coisa que a liderança populista, existem similaridades importantes e não deveria ser surpresa que os populistas venham a estar entre os principais vencedores nessa mudança para a autoridade carismática (ver abaixo também).⁶⁶

⁶⁴ WEBER, Max. *Politik als Beruf*. Berlin Duncker & Humblot, 1987.

⁶⁵ Sobre a importância da expertise e da mudança na relação entre as elites e os cidadãos nessa dimensão, ver CUPERUS, René, The Populist Deficiency of European Social Democracy, *Internationale Politik und Gesellschaft*, v. 3, 2003, pp. 83-109; ANSTADT, Milo, Vrijheid der onvolwassenen, *De Groene Amsterdammer*, v. 126, n. 49, 2002, pp. 30-3.

⁶⁶ Sobre o populismo de direita e a liderança carismática, ver EATWELL, Roger. The Rebirth of Right-Wing Charisma? The Cases of Jean-Marie Le Pen and Vladimir Zhirinovskiy, *Totalitarian Movements and Political Religions*, v. 3, n. 3, 2002, pp. 1-23; PEDAHZUR, Ami; BRICHTA, Avraham. The Institutionalization of Extreme Right-Wing Charismatic Parties, *Party Politics*, v. 8, n. 1, 2002, pp. 31-49.

Reações ao desafio populista

Muitas das reações acadêmicas e políticas aos desafios populistas envolveram apelos por “mais” democracia ou por uma democracia “real”. Basta olhar para a florescente literatura sobre todas as formas de tipos mais ou menos novos de democracia, como a democracia deliberativa, a democracia digital, a *e-democracy*⁶⁷. No nível político, o seguinte pronunciamento de Romano Prodi, presidente da Comissão Europeia, é exemplar: “O povo quer uma democracia muito mais participativa, uma democracia ‘mão na massa’. Eles [querem estar] totalmente envolvidos em estabelecer objetivos, na formulação de políticas e na avaliação do progresso. E eles estão certos”⁶⁸.

Em uma conferência sobre a desilusão democrática, em Paris, em 11 de outubro de 2002, Philippe Schmitter apontou para a esquizofrenia entre as elites dos partidos estabelecidos, que tentam abrir e fechar o sistema político. De fato, é possível que se veja uma combinação de cartelização, ou seja, o fechamento do sistema partidário por cooptação dos desafidores, e democratização, por exemplo, com a abertura do sistema político por meio da introdução de elementos de democracia direta (com referendos, por exemplo), ou e-governança.

No entanto, “democracia deliberativa” ou uma “revolução de participação” foram as respostas às demandas populistas da Nova Esquerda, dos Novos Movimentos Sociais, dos partidos Verdes e da Nova Política. Mas há uma diferença fundamental entre esses populistas e o *Zeitgeist* populista atual. Isso pode ser mais bem ilustrado pelo *heartland*, ou seja, a interpretação de povo a que se referem os populistas. O populismo da Nova Esquerda se refere a um povo ativo, autoconfiante, bem-educado, progressista. Em um destacado contraste, o atual populismo é a rebelião da “maioria silenciosa”. O *heartland* de populistas como Berlusconi ou Haider

⁶⁷ Entre outros tantos, ver HAGUE, Barry N.; LOADER, Brian D. (eds.). *Digital Democracy: Discourse and Decision Making in the Information Age*. London: Routledge, 1999; ELSTER, Jon, *Deliberative Democracy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998; BUDGE, Ian, *The New Challenge of Direct Democracy*. Cambridge: Polity, 1996.

⁶⁸ Romano Prodi, “Shaping the New Europe”, discurso ao Parlamento Europeu, Strasbourg, 15 de fevereiro de 2000; disponível em <<http://www.ecnais.org/html/pages/Bulletin/Prodi.htm>>

é o trabalhador aguerrido, ligeiramente conservador, cidadão cumpridor da lei que, em silêncio, mas com crescente raiva, assiste a seu mundo ser “pervertido” por progressistas, criminosos e estranhos.

Resumindo, a revolta populista contemporânea é, em muitos aspectos, oposta à de 1968 e às que se seguiram. Enquanto os populistas da “revolução silenciosa” queriam mais participação e menos liderança, os populistas da “contrarrevolução silenciosa” querem mais liderança e menos participação.⁶⁹ Como afirmou Robert Dahl:

é um erro muito comum [...] ver a democracia simplesmente como uma questão de participação política, e assumir que, se algumas pessoas em países democráticos dizem que valorizam a democracia, deve ser porque elas obtêm prazer ou satisfação em participar de fato da vida política. E, se descobrirem que elas não desfrutam particularmente da participação na vida política e não se engajam muito nessas questões, então isso pode sugerir que elas não se importam muito com a democracia.⁷⁰

O atual *heartland* dos populistas apoia a democracia, mas eles não querem ser incomodados com política o tempo todo. De fato, “quase meio século de pesquisas fornece evidências contundentes de que cidadãos não dão muito valor a participar de fato na vida política”.⁷¹ É verdade que eles querem ser ouvidos nas decisões fundamentais, mas primeiro e antes de qualquer coisa o que querem é *liderança*. Eles querem políticos que *conheçam* (e não que ouçam) o povo, e que façam seus desejos se tornarem realidade.

O *heartland* do populismo contemporâneo está, portanto, focado primordialmente no *output* e não no *input* da democracia. O que eles

⁶⁹ Ver, respectivamente, INGLEHART, Roland. *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles among Western Publics*. Princeton: Princeton University Press, 1977; IGNAZI, Piero. The Silent Counter-Revolution. Hypotheses on the Emergence of Extreme Right-Wing Parties in Europe, *European Journal of Political Research*, v. 22, n. 1-2, 1992.

⁷⁰ DAHL, Robert. A Democratic Paradox, *Political Science Quarterly*, v. 115, n. 1, 2000, p. 38.

⁷¹ *Ibidem*; ver também HIBBING, John R.; THEISS-MORSE, Elizabeth, *Stealth Democracy. Americans' Beliefs About How Government Should Work*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

demandam é um governo *responsivo*, ou seja, um governo que implemente políticas que estejam alinhadas com seus desejos. No entanto, querem que os políticos façam essas políticas sem incomodá-los, ou seja, sem que precisem participar muito.

Em contraste com as percepções comuns equivocadas, os votantes populistas não favorecem fortemente nenhuma forma de democracia participativa, seja ela deliberativa ou plebiscitária. De fato, uma das poucas análises empíricas sobre as visões democráticas dos apoiadores de partidos populistas conclui que “os apoiadores de partidos populistas [...] não apoiam sistematicamente a expansão de processos democráticos”.⁷² De fato, pode-se argumentar que populistas (tanto líderes quanto seus seguidores) apoiam referendos principalmente como um instrumento para superar o poder “da elite”. Eles veem isso como a única possibilidade que resta para assegurar que os desejos “do povo” sejam refletidos em políticas do governo.

Mas a atual “transformação plebiscitária da democracia”⁷³ não só falha em resolver a percebida crise da democracia, ou seja, o desafio populista, como pode fortalecê-lo. Ao usar um discurso democrático popular similar para justificar as mudanças, a crítica dos atores populistas é legitimada.⁷⁴ Mais importante, essas ações aumentam as expectativas do *heartland* populista. E, quando essas expectativas não são atendidas, o que tem sido o caso na maior parte dos casos,⁷⁵ o protesto populista será ainda mais forte. Consequentemente, votantes insatisfeitos vão preferir o

⁷² BOWLER, Shaun *et al.*, Populist Parties and Support for Direct Democracy, paper apresentado na Australasian Political Studies Association Conference, Hobart, Tasmania, 29 September–1 October 2003, p. 36.

⁷³ DECKER, Frank, Konjunktoren des Populismus. “Blätter” – Gespräch mit Frank Decker, *Blätter für deutsche und internationale Politik*, 10, 2002, p. 185.

⁷⁴ MÉNY, Yves; SUREL, Yves, The Constitutive Ambiguity of Populism. In: MÉNY Yves; SUREL, Yves (eds.). *Democracies and the Populist Challenge*. Basingstoke: Palgrave, 2000, pp. 1-21; CANOVAN, Margaret. Taking Politics to the People: Populism as the Ideology of Democracy. In: MÉNY Yves; SUREL, Yves (eds.). *Democracies and the Populist Challenge*. Basingstoke: Palgrave, 2000; BARNEY, Darin David; LAYLOCK, David, Right-Populists and Plebiscitary Politics in Canada, *Party Politics*, v. 5, n. 3, 1999.

⁷⁵ Sobre os resultados contraditórios da democratização da seleção do candidato em partidos políticos, ver PENNING, Paul; HAZAN, Reuven Y. (eds), *Party Politics*, v. 7, p. 3,

original em relação à cópia, como, em discurso famoso, afirmou Le Pen, dado que a cópia já se provou indigna de confiança.

Outra percepção equivocada é que eleitores populistas se ressentem com o *establishment* porque eles são diferentes. O populismo não está relacionado com a classe, exceto talvez a rejeição da “classe política”⁷⁶, nem com a representação social ou a democracia paritária. Apoiadores de partidos populistas não querem ser comandados pelo “homem na rua”, para usar termos sociodemográficos. Basta notar os extravagantes indivíduos que lideram a maioria desses movimentos; é muito difícil dizer que Pim Fortuyn era um cidadão holandês médio!⁷⁷ O que o apoiador populista deseja é que os problemas do “homem comum” sejam resolvidos de acordo com seus próprios valores (muitas vezes referidos como “senso comum”), e eles aceitam que isso deverá ser realizado por um líder notável. Ou, nas palavras de Paul Taggart, o populismo “exige que os mais extraordinários indivíduos liderem as pessoas mais comuns”.⁷⁸ Aliás, é nesse caráter excepcional do líder em alguns dos movimentos populistas – mas definitivamente não de todos – que a liderança carismática desempenha um papel.⁷⁹

É interessante notar que o líder populista não é necessariamente um *outsider* de fato. Pessoas como Berlusconi, Fortuyn ou Haider estavam, antes de suas carreiras políticas decolarem, bem conectados com setores

2001. Sobre a problemática relação entre democracia partidária e democracia direta, ver SCARROW: SEYD, *Party Politics*, v. 5, n 3, 1999.

⁷⁶ Ver BEYME, Klaus von. The Concept of Political Class: A New Dimension of Research on Elites?, *West European Politics*, v. 19, n. 1, 1996, pp. 68-87; SCHEDLER, Andreas. Anti-Political-Establishment Parties, *Party Politics*, v. 2, n. 3, 1996, pp. 291-312.

⁷⁷ Há muitos exemplos históricos de líderes populistas que vieram de círculos sociais absolutamente diferentes dos das pessoas que eles reivindicavam liderar. O mais marcante exemplo eram os *narodniki*, que eram jovens intelectuais urbanos defendendo as virtudes do camponês russo. Ver WALICKI, Andrzej, Eastern Europe. In: IONESCU, Guita; GELLER, Ernest (eds.). *Populism. Its Meanings and National Characteristics*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1969, pp. 62-96.

⁷⁸ TAGGART, Paul, *Populism*. Buckingham: Open University Press, 2000, p. 1.

⁷⁹ Ver SEUBERT, Sandra, Paradoxien des Charisma. Max Weber und die Politik des Vertrauens, *Zeitschrift für Politikwissenschaft*, v. 12, n. 3, 2002, pp. 123-48; DOOREN, Ron van. *Messengers from the Promised Land. An Interactive Theory of Charisma*. Leiden: DSWO-Press, 1994.

da elite econômica e política, sem serem de fato parte dela. Mais que uma “contraelite”⁸⁰, o que melhor se encaixa no manual populista seria descrevê-los como pertencentes às elites-*outsider*: *conectados com as elites, mas não parte delas*.

Muitos observadores perceberam que o populismo é inerente à democracia representativa; afinal, os populistas não justapõem o “povo puro” à “elite corrupta”?⁸¹ Como se argumentou anteriormente, discordo dessa visão e acredito que tanto as massas populistas quanto as elites populistas apoiam a “verdadeira” representação. Em outras palavras, eles não rejeitam nem a representação *per se* nem a falta de representação social. Eles se opõem é a serem representados por uma elite estranha cujas políticas não refletem seus desejos e suas preocupações.⁸²

Na mente populista, a elite são os guardas dos “interesses especiais”. Historicamente, essas forças poderosas e obscuras eram banqueiros e financistas internacionais (quase sempre supostamente judeus). Mas no populismo contemporâneo uma “nova classe” foi identificada, a dos “progressistas” e dos “politicamente corretos”. Essa “teoria da nova classe” se originou dentro dos círculos neoconservadores norte-americanos na década de 1980.⁸³ Nas décadas seguintes, populistas de todas as convicções ideológicas atacariam a ditadura dos progressistas, ou, nos termos de Fortuyn, “a Igreja da Esquerda”.

Mais do que a democracia representativa, o populismo é inerentemente hostil às ideias e às instituições da democracia *liberal* ou da democracia

⁸⁰ MILLS, C. Wright. *The Power Elite*. New York: Oxford University Press, 1957.

⁸¹ Ver *inter alia*, MÉNY, Yves; SUREL, Yves, *Par le peuple, pour le peuple. Le populisme et les démocraties*. Paris: Fayard, 2000; TAGGART, Paul, *Populism*. Buckingham: Open University Press, 2000; URBINATI, Nadia. Democracy and Populism, *Constellations*, v. 5, n. 1, 1998, pp. 110-24.

⁸² Para uma argumentação mais filosófica e elaborada sobre a compatibilidade do populismo e da democracia representativa, ver ARDITI, Benjamín, Populism as a Spectre of Democracy: A Response to Canovan, *Political Studies*, v. 52, n. 1, 2004, pp. 135-43.

⁸³ Sobre a origem da “teoria da nova classe” e as interpretações populistas contemporâneas a respeito, ver HINDESS, Barry; SAWER, Marian (eds.). *Us and Them: Anti-Elitism in Australia*. Bentley, API: Network, 2004.

constitucional.⁸⁴ O populismo é uma forma do que Fareed Zakaria popularizou recentemente como “democracia iliberal”, mas que também poderia ser chamado de extremismo democrático.⁸⁵ Apesar de toda a retórica democrática, a democracia liberal é um acordo complexo entre a democracia popular e o elitismo liberal, que é, portanto, parcialmente democrático. Como Margaret Canovan argumentou brilhantemente, o populismo é uma crítica mordaz às limitações da democracia no interior das democracias liberais.⁸⁶ Em sua interpretação extremista da democracia majoritária, o populismo rejeita todas as limitações na expressão da vontade geral, principalmente a proteção constitucional das minorias e a independência (da política e, portanto, do controle democrático) com relação às instituições estatais mais importantes (por exemplo o judiciário, o Banco Central).⁸⁷

Em grande medida, o populismo tira sua força das confusas e frequentemente oportunistas promessas democráticas das elites políticas. Nessa era de igualitarismo, a defesa dos aspectos elitistas da democracia liberal se torna cada vez mais um suicídio político. Consequentemente, políticos de esquerda, de direita e de centro estão enfatizando quase que exclusivamente a importância dos aspectos populares, ou seja, o lado democrático. São típicos os debates sobre a (suposta) “distância entre os cidadãos e os políticos” (perceba as categorizações homogeneizantes) ou o “déficit democrático” na União Europeia.

Na maioria dos países, esses debates começaram entre as elites políticas, sem nenhuma indicação de que as massas estivessem muito preocupadas com eles. No entanto, após anos lendo e ouvindo sobre democracias nacionais ou supranacionais disfuncionais, mais e mais pessoas se

⁸⁴ AKKERMAN, Tjitske. Populism and Democracy, *Acta Politica*, v. 38, n. 2, 2003, pp. 147-59; MÉNY, Yves; SUREL, Yves. The Constitutive Ambiguity of Populism in MÉNY Yves; SUREL, Yves (eds.). *Democracies and the Populist Challenge*. Basingstoke: Palgrave, 2000, pp. 1-21.

⁸⁵ ZAKARIA, Fareed. *The Future of Freedom: Illiberal Democracy at Home and Abroad*. New York: W. W. Norton, 2003.

⁸⁶ CANOVAN, Margaret. Trust the People! Populism and the Two Faces of Democracy, *Political Studies*, v. 47, n. 1, 1999, pp. 2-16.

⁸⁷ Para um *insight* sobre o populismo em ação, ver BRAUN, Michael. Populismus an der Macht. Das Phänomen Berlusconi, *Internationale Politik und Gesellschaft*, v. 3, 2003, pp. 110-33.

tornaram tanto sensíveis ao problema como convencidas de que as coisas podem e deveriam melhorar. O problema é: elas podem ser “melhores” (ou seja, ser mais democráticas) no interior do sistema da democracia liberal? Assim que demandas mais radicais são feitas, a resposta de políticos do *mainstream* é frequentemente a de que estas não são viáveis em função das disposições constitucionais e dos compromissos internacionais. Dessa forma, cria-se um círculo vicioso que só pode ser quebrado cedendo aos populistas e criando um sistema democrático mais populista (e menos liberal!), ou resistindo a eles, explicando e defendendo as limitações democráticas do sistema democrático liberal.

Conclusão

O objetivo deste artigo era fazer uma tripla contribuição ao atual debate sobre o populismo nas democracias liberais. A primeira contribuição foi uma definição clara e original de populismo, que pode também ser empregada na pesquisa empírica. Eu defini populismo como *uma ideologia que considera que a sociedade está separada fundamentalmente em dois grupos homogêneos e antagônicos, “o povo puro” versus “a elite corrupta”, e que defende que a política deve ser expressão da vontade générale (vontade geral) do povo.*

Em segundo lugar, a tese da patologia normal foi rejeitada e, em seu lugar, foi demonstrado que o discurso populista se tornou *mainstream* na política das democracias ocidentais contemporâneas. Eu chamei isso de *Zeitgeist* populista. De fato, a maioria dos partidos *mainstream* utiliza uma *retórica* populista, mas alguns também clamam por reformas populistas para o sistema democrático liberal (mais notavelmente a introdução de instrumentos plebiscitários).

Em terceiro lugar, argumentei que as explicações e as reações ao atual *Zeitgeist* populista são seriamente falhas. Muitas das soluções recentemente propostas foram inspiradas pela crítica populista da Nova Esquerda das décadas de 1970 e 1980, que diferem fundamentalmente daquelas da década de 1990 (em oferta e em demanda). Em nítido contraste com o período anterior, os populistas contemporâneos são favoráveis ao *output* antes do *input* e à liderança antes da participação.

Conseqüentemente, essas reações são não só falhas, mas podem se tornar contraproducentes, ou seja, fortalecer o desafio populista ao invés de enfraquecê-lo.

Então a política nas democracias liberais está destinada a permanecer populista para sempre? Dificilmente! É fato que existem algumas tensões estruturais no interior da democracia liberal das quais os populistas podem se alimentar. Mas o populismo é também episódico,⁸⁸ não só os movimentos individuais, mas toda sua dinâmica. Quando grupos populistas *outsiders* ganham proeminência, partes do *establishment* irão reagir por meio de uma estratégia combinada de inclusão e exclusão; ao tentar excluir o(s) ator(es) populista(s), eles irão incluir temas e retórica populistas para tentar lutar contra o desafio. Essa dinâmica irá trazer um *Zeitgeist* populista, como o que estamos enfrentando hoje, que irá se dissipar tão logo o desafio populista pareça ter ido longe demais.

No entanto, por causa das mudanças estruturais e do conseqüente afastamento da autoridade legal em direção à autoridade democrática, bem como da desmistificação da política nas democracias liberais ocidentais, o populismo será um elemento mais comum no futuro da política democrática, emergindo sempre que setores significativos da “maioria silenciosa” sentirem que “a elite” não mais os representa.

Bibliografia

ABEDI, Amir. *Anti-Political Establishment Parties*. London: Routledge, 2004.

AKKERMAN, Tjitske. Populism and Democracy, *Acta Politica*, v. 38, n. 2, pp. 147-59, 2003.

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities. Reflections on the Origins and Spread of Nationalism*. London: Verso, 1983.

ANSTADT, Milo. Vrijheid der onvolwassenen, *De Groene Amsterdammer*, v. 126, n. 49, pp. 30-3, 2002.

⁸⁸ TAGGART, Paul, *Populism*. Buckingham: Open University Press, 2000, p. 1.

ARDITI, Benjamín. Populism as a Spectre of Democracy: A Response to Canovan, *Political Studies*, v. 52, n. 1, pp. 135-43, 2004.

AXFORD, Barrie; HUGGINS, Richard. Anti-Politics or the Triumph of Postmodern Populism in Promotional Cultures, *Telematics and Informatics*, v. 15, n. 3, pp. 181-202, 1998.

BARNEY, Darin David; LAYLOCK, David. Right-Populists and Plebiscitary Politics in Canada, *Party Politics*, v. 5, n. 3, pp. 317-39, 1999.

BERGSDORF, Harald. Rhetorik des Populismus am Beispiel rechtsextremer und rechtspopulistischer Parteien wie der "Republikaner", der FPÖ und des "Front National", *Zeitschrift für Parlamentsfragen*, v. 31, n. 3, 2000.

BETZ, Hans-Georg. *Radical Right-Wing Populism in Western Europe*. Basingstoke: Macmillan, 1994.

BETZ, Hans-Georg; IMMERSALL, Stefan (Eds.). *The New Politics of the Right. Neo-Populist Parties and Movements in Established Democracies*. New York: St Martin's Press, 1998.

BEYME Klaus von. The Concept of Political Class: A New Dimension of Research on Elites?, *West European Politics*, v. 19, n. 1, 1996.

BEYME, Klaus von. Party Leadership and Change in Party Systems: Towards a Postmodern Party State?, *Government and Opposition*, v. 31, n. 2, pp. 135-59, 1996.

BIMES, Terri. Ronald Reagan and the New Conservative Populism, paper apresentado no Encontro Annual da APSA, Boston, 29 August-1 September, 2002.

BLYTH, Mark. Globalization and the Limits of Democratic Choice. Social Democracy and the Rise of Political Cartelization, *Internationale Politik und Gesellschaft*, v. 3, pp. 60-82, 2003.

BOWLER, Shaun *et al.*, Populist Parties and Support for Direct Democracy, paper apresentado na Australasian Political Studies Association Conference, Hobart, Tasmania, 29 September-1 October, 2003.

BRAUN, Michael. Populismus an der Macht. Das Phänomen Berlusconi, *Internationale Politik und Gesellschaft*, v. 3, pp. 110-33, 2003.

BUDGE, Ian. *The New Challenge of Direct Democracy*. Cambridge: Polity, 1996.

CANOVAN, Margaret. *Populism*. London: Junction, 1981.

CANOVAN, Margaret. Taking Politics to the People: Populism as the Ideology of Democracy. In: MÉNY, Yves; SUREL, Yves. *Democracies and the Populist Challenge*. Basingstoke: Palgrave, pp. 25-44, 2002.

CANOVAN, Margaret. Trust the People! Populism and the Two Faces of Democracy, *Political Studies*, v. 47, n. 1, pp. 2-16, 1999.

CAPELLA, Joseph N.; JAMIESON, Kathleen Hall. *Spiral of Cynicism. The Press and the Public Good*. New York: Oxford University Press, 1997.

CLARKE, Simon, Was Lenin a Marxist? The Populist Roots of Marxism-Leninism. In: BONEFELD, Werner; TISCHLER, Sergio (Eds.). *What is to Be Done? Leninism, Anti-Leninist Marxism and the Question of Revolution Today*. Aldershot: Ashgate, 2002.

CUPERUS, René, The Populist Deficiency of European Social Democracy, *Internationale Politik und Gesellschaft*, v. 3, pp. 83-109, 2003.

DAALDER, Hans, A Crisis of Party?, *Scandinavian Political Studies*, v. 15, n. 4, pp. 269-88, 1992.

DAHL, Robert, A Democratic Paradox, *Political Science Quarterly*, v. 115, n. 1, 2000.

DAHRENDORF, Ralf. Acht Anmerkungen zum Populismus, *Transit. Europäische Revue*, v. 25, 2003.

DALTON, Russell J. *Citizen Politics: Public Opinion and Political Parties in Advanced Industrial Democracies*. Chatham: Chatham House, 1996.

DALTON, Russell J. et al. (Eds.). *Electoral Change in Advanced Industrial Democracies*. Princeton: Princeton University Press, 1994.

DECKER, Frank. *Parteien unter Druck. Der neue Rechtspopulismus in den westlichen Demokratien*. Opladen: Westdeutscher, 2000.

DECKER, Frank. Konjunktoren des Populismus. "Blätter"-Gespräch mit Frank Decker, *Blätter für deutsche und internationale Politik*, 10, 2002.

DI TELLA, Torcuato S. Populism into the Twenty-First Century, *Government and Opposition*, v.32, n. 2, pp. 187-200, 1997.

DOOREN, Ron van. *Messengers from the Promised Land. An Interactive Theory of Charisma*. Leiden: DSWO-Press, 1994.

EATWELL, Roger. The Rebirth of Right-Wing Charisma? The Cases of Jean-Marie Le Pen and Vladimir Zhirinovskiy, *Totalitarian Movements and Political Religions*, v. 3, n. 3, pp. 1-23, 2002.

EHRKE, Michael. *Rechtspopulismus in Europa: die Meuterei der Besitzstandswahrer*. Bonn: FES Library, 2002.

ELSTER, Jon. *Deliberative Democracy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

ERNST, Werner W. Zu einer Theorie des Populismus. In: PELINK, Anton (Ed.). *Populismus in Österreich*. Vienna: Junius, 1987.

FREEDEN, Michael. Is Nationalism a Distinct Ideology?, *Political Studies*, v. 46, n. 4, 1998.

FUNKE, Hajo; RENSMANN, Lars. Wir sind so frei. Zum rechtspopulistischen Kurswechsel der FDP, *Blätter für deutsche und internationale Politik*, v. 7, pp. 822-8, 2002.

GERRING, John. *Party Ideologies in America, 1828-1996*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

HAGUE, Barry N.; LOADER, Brian D. (Eds.). *Digital Democracy: Discourse and Decision Making in the Information Age*. London: Routledge, 1999.

HASSENTEUFEL, Patrick. Structures de représentation et "appel au peuple". Le populisme en Autriche, *Politix*, v. 14, n. 2, pp. 95-101, 1991.

HEINISCH, Reinhard. Success in Opposition – Failure in Government: Explaining the Performance of Right-Wing Populist Parties in Public Office, *West European Politics*, v. 26, n. 3, pp. 91-130, 2003.

HELMS, Ludger. Die "Kartellparteien" – These und ihre Kritiker, *Politische Vierteljahresschrift*, v. 42, n. 4, pp. 698-708, 2001.

HEYWOOD, Paul et al. Political Corruption, Democracy, and Governance in Western Europe. In: HEYWOOD, Paul et al. *Developments in West European Politics 2*. Basingstoke: Palgrave, pp. 196-7, 2002.

HIBBING, John R.; THEISS-MORSE, Elizabeth. *Stealth Democracy. Americans' Beliefs About How Government Should Work*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HINDESS, Barry; SAWER, Marian (eds.). *Us and Them: Anti-Elitism in Australia*. Bentley: API Network, 2004.

SEMETKO, Holli A., The Media. In: LeDUC, Lawrence et al. (Eds.). *Comparing Democracies. Elections and Voting in Global Perspective*. Thousand Oaks: Sage, pp. 254-79, 1996.

IGNAZI, Piero. The Silent Counter-Revolution. Hypotheses on the Emergence of Extreme Right-Wing Parties in Europe, *European Journal of Political Research*, v. 22, n. 1-2, pp. 3-34, 1992.

INGLEHART, Roland. *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles among Western Publics*. Princeton: Princeton University Press, 1977.

IONESCU, Guita; GELLER, Ernest (Eds.). *Populism. Its Meanings and National Characteristics*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1969.

JUDIS, John B.; TEIXERA, Ruy. *The Emerging Democratic Majority*. New York: Scribner, 2002.

JUNGWIRTH, Michael (Ed.). *Haider, Le Pen & Co. Europas Rechtspopulisten*. Graz: Styria, 2002.

KATZ, Richard S. Party Organizations and Finance. In: LeDUC, Lawrence et al. (Eds.). *Comparing Democracies. Elections and Voting in Global Perspective*. Thousand Oaks: Sage, 1996.

KATZ, Richard S.; MAIR Peter. Changing Models of Party Organization and Party Democracy: The Emergence of the Cartel Party, *Party Politics*, v. 1, n. 1, pp. 5-28, 1995.

KAZIN, Michael. *The Populist Persuasion: An American History*. New York: Basic Books, 1995.

KERSBERGEN, Kees van. Is Nederland een democratie?, *De Helling*, v. 15, n. 3, pp. 23-5, 2002.

KITSCHOLT, Herbert (em colaboração com Anthony McGann). *The Radical Right in Western Europe. A Comparative Analysis*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1995.

LACKÓ, Miklós. Populism in Hungary: Yesterday and Today. In: HELD, Joseph (Ed.). *Populism in Eastern Europe. Racism, Nationalism, and Society*. Boulder, CO: East European Monographs, 1996.

LACLAU, Ernesto. *Politics and Ideology in Marxist Theory*. London: New Left Books, 1977.

LIJPHART, Arend. *The Politics of Accommodation: Pluralism and Democracy in the Netherlands*. Berkeley: University of California Press, 1968.

MAIR, Peter. Populist Democracy vs. Party Democracy. In: MÉNY, Yves; SUREL, Yves. *Democracies and the Populist Challenge*. Basingstoke: Palgrave, pp. 81-98, 2002.

MAIR, Peter. Partyless Democracy and the 'Paradox' of New Labour, *New Left Review*, n. 2, pp. 21-35, 2000.

MAZZOLENI, Gianpietro et al. (eds.). *The Media and Neo-Populism: A Contemporary Comparative Analysis*. Westport, VA: Praeger, 2003.

MÉNY, Yves; SUREL, Yves. The Constitutive Ambiguity of Populism. In: MÉNY, Yves e SUREL, Yves. *Democracies and the Populist Challenge*. Basingstoke: Palgrave, pp. 1-21, 2002.

MÉNY, Yves; SUREL, Yves. *Par le peuple, pour le peuple. Le populisme et les démocraties*. Paris: Fayard, 2000.

- MILLS, C. Wright. *The Power Elite*. New York: Oxford University Press, 1957.
- MUDDE, Cas. Extremist Movements. In: HEYWOOD, Paul et al. (Eds). *Developments in West European Politics 2*. Basingstoke: Palgrave, pp. 135-48, 2002.
- MUDDE, Cas. In Name of the Peasantry, the Proletariat, and the People: Populisms in Eastern Europe, *East European Politics and Societies*, v. 15, n. 1, pp. 33-53, 2001.
- MUDDE, Cas. The Paradox of the Anti-Party Party: Insights from the Extreme Right, *Party Politics*, v. 2, n. 2, pp. 265-76, 1996.
- MUDDE, Cas. *The Ideology of the Extreme Right*. Manchester: Manchester University Press, 2000.
- NIEKERK, A. E. Van. *Populisme en Politieke Ontwikkeling in Latijns-Amerika*. Rotterdam: Universitaire Pers Rotterdam, 1972.
- NORRIS, Pippa (Ed.). *Critical Citizens. Global Support for Democratic Governance*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- NORRIS, Pippa. Legislative Recruitment. In: LeDUC, Lawrence et al. (eds), *Comparing Democracies. Elections and Voting in Global Perspective*. Thousand Oaks: Sage, 1996.
- PEDAHZUR, Ami; BRICHTA, Avraham. The Institutionalization of Extreme Right-Wing Charismatic Parties, *Party Politics*, v. 8, n. 1, pp. 31-49, 2002.
- PENNINGS, Paul; HAZAN, Reuven Y. (Eds.). *Party Politics*, v. 7, n. 3, special issue, 2001.
- PFAHL-TRAUGHBER, Armin. *Volkes Stimme? Rechtspopulismus in Europa*. Bonn: Dietz, 1994.
- PHARR, Susan J.; PUTNAM, Robert D. (Eds.). *Disaffected Democracies. What's Troubling the Trilateral Democracies*. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- PROBST, Lothar. Die Erzeugung "vorwärtsgerichteter Unruhe". Überlegungen zum Charisma von Jörg Haider, *Vorgänge*, v. 41, n. 4, 2002.

PRODI, Romano. Shaping the New Europe, speech to the European Parliament, Strasbourg, 15 February 2000; <<http://www.ecnais.org/html/pages/Bulletin/Prodi.htm>> [documento não mais disponível nesse endereço].

REJAL, Mostefa (Ed.). *Decline of Ideology?* Chicago: Aldine/Atherton, 1971.

RIDLEY, F. F.; DOIG, Alan (Eds.). *Sleaze: Politicians, Private Interests & Public Reaction*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

RITTERBAND, Charles E. Kärtner Chamäleon. Jörg Haiders Auf- und Abstieg in Österreich, *Internationale Politik*, v. 4, 2003.

SCARROW, Susan; POGUNTKE, Thomas (Eds.). *European Journal of Political Research*, v. 29. n. 3, special issue on anti-party sentiments, 1996.

SCHEDLER, Andreas. Anti-Political-Establishment Parties, *Party Politics*, v. 2, n. 3, 1996.

SCHEUCH, Erwin K.; KLINGEMANN, Hans-Dieter. Theorie des Rechtsradikalismus. In: westlichen Industriegesellschaften, *Hamburger Jahrbuch für Wirtschafts- und Sozialpolitik*, v. 12, pp. 11-19, 1967.

SCHMITTER, Philippe C. The Future of Democracy: Could It Be a Matter of Scale?, *Social Research*, v. 66, n. 3, pp. 933-58, 1999.

SEUBER, Sandra. Paradoxien des Charisma. Max Weber und die Politik des Vertrauens, *Zeitschrift für Politikwissenschaft*, v. 12, n. 3, pp. 123-48, 2002.

STATHAM, Paul. Berlusconi, the Media, and the New Right in Italy, *Press/Politics*, v. 1, n. 1, pp. 87-105, 1996.

STEWART, Angus. The Social Roots. In: IONESCU, Guita; GELLER, Ernest (Eds.). *Populism. Its Meanings and National Characteristics*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1969.

TAGGART, Paul. *Populism*. Buckingham: Open University Press, 2000.

TAGGART, Paul. *The New Populism and the New Politics. New Protest Parties in Sweden in a Comparative Perspective*. Basingstoke: Macmillan, 1996.

TAGUIEFF, Pierre-André. Political Science Confronts Populism: From a Conceptual Mirage to a Real Problem, *Telos*, n. 103, 1995.

TAGUIEFF, Pierre-André. *L'illusion populiste*. Paris, Berg International, 2002.

THOMAS, John Clayton. Ideological Trends in Western Political Parties. In: MERKL, Peter H. (Ed.). *Western European Party Systems*. New York: Free Press, 1980, pp. 348-66.

URBINATI, Nadia. Democracy and Populism, *Constellations*, v. 5, n. 1, 1998.

WALICKI, Andrzej. Eastern Europe. In: IONESCU, Guita; GELLER, Ernest (eds.). *Populism. Its Meanings and National Characteristics*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1969.

WARE, Alan. The United States: Populism as Political Strategy. In: MÉNY, Yves; SUREL, Yves (eds.), *Democracies and the Populist Challenge*. Basingstoke. Palgrave, 2002, pp. 101-19.

WEBER, Max. *Politik als Beruf*. Berlin: Duncker & Humblot, 8th edn, 1987.

WELLS, Scott D. *et al.* Al Gore and Election 2000: Populist Discourse and Strategies, paper apresentado no encontro anual da APSA, Boston, 29 August-1 September, 2002.

WEYLAND, Kurt. Clarifying a Contested Concept. Populism in the Study of Latin American Politics, *Comparative Politics*, v. 34, n. 1, pp. 1-22, 2001.

WILES, Peter. A Syndrome, Not a Doctrine: Some Elementary Theses on Populism. In: IONESCU, Guita; GELLER, Ernest (Eds.). *Populism. Its Meanings and National Characteristics*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1969.

WORSLEY, Peter. Populism. In: KRIEGER, Joel (Ed.). *The Oxford Companion to Politics of the World*. Oxford, Oxford University Press, 1993.

ZAKARIA, Fareed. *The Future of Freedom: Illiberal Democracy at Home and Abroad*. New York: W. W. Norton, 2003.